

# **O QUE A DOUTRINA KARDECISTA PODE COLABORAR COM AS EMPRESAS INTERESSADAS NA ATUAÇÃO SOCIALMENTE RESPONSÁVEL**

Roberto de Souza Gonzalez e Bruno Starnini Junior

HISTORICO EMPRESARIAL.....	1
QUEIXAS E RESISTÊNCIA.....	2
O SOCIALISMO.....	2
A FRANÇA E O ESPIRITISMO.....	4
DOUTRINA URBANA.....	5
SÉCULO XX.....	6
NOVOS CONCEITOS NA GESTÃO EMPRESARIAL.....	8
SIMILARIDADES ENTRE A NOVA GESTÃO EMPRESARIAL E A DOUTRINA ESPIRITA.....	9
PROGRESSO.....	10
EGOÍSMO.....	12
BENS MATERIAIS.....	14
O FUTURO.....	15

## **HISTORICO EMPRESARIAL**

A gestão das empresas não é um tema novo. Desde os primórdios da Revolução Industrial, em meados do Séc. XVIII, quando as primeiras estruturas empresariais começaram a se formar, tornou-se assunto obrigatório especialmente entre os intelectuais da época. Mas, a discussão toma força a partir da Segunda Revolução Industrial, entre 1850 e 1860, quando na Europa se assiste a configuração de duas classes básicas na sociedade: a burguesia industrial, que passa a ser dominante, e o proletariado, constituído pela massa de trabalhadores assalariados das indústrias. A industrialização na Inglaterra, França e Alemanha, principalmente, melhora das condições de vida das classes altas pelo aparecimento de enorme quantidade de mercadorias, proporciona maior conforto, traz a afirmação do Estado Liberal e, como consequência o Imperialismo.

Mas trouxe também o movimento operário e o Socialismo. Para se entender a história do movimento operário e sua identificação com os postulados do Socialismo, é necessário ter em mente as condições de vida e de trabalho da população urbana a partir do momento da consolidação do capitalismo, isto é, a partir da Revolução Industrial.

É bom deixar claro que os operários jamais aceitaram passivamente as novas condições. As diferenças sociais tornavam-se mais agudas, passando a existir uma diferenciação até mesmo dos locais de moradia da burguesia e do proletariado. Um dos mais absurdos fatos do primeiro sistema fabril foi a exploração de mulheres e crian-

ças. Em Lião, na França, em 1777, havia 3823 crianças ocupadas no fabrico de sedas, numa força total de trabalho de 9657.

## **QUEIXAS E RESISTÊNCIA**

As queixas mais sérias dos operários das fábricas e das minas referiam-se a excessivas horas de trabalho, salários baixos, multas e o sistema de permuta segundo o qual os patrões pagavam em gêneros e não em dinheiro. Os homens, as mulheres e as crianças trabalhavam dezesseis horas ou mais por dia e estavam geralmente exaustos quando regressavam à casa totalmente desprovida de conforto e condições de higiene.

Ávidos por lucros maiores, certos patrões decidem manter as máquinas em operação contínua. Têm início os turnos noturnos em algumas indústrias. O número de dias trabalhados no ano aumenta. Por vezes o domingo era dia de trabalho também, apesar dos protestos da Igreja. Nos distritos franceses e ingleses em que os aprendizes costumavam ter as segundas-feiras livres, monta-se um robusto lobby para abolir esse hábito. Nos países católicos, os dias santos são gradualmente reduzidos nas fábricas.

Tais condições produziram a resistência, que se expressou de diversas maneiras. A primeira manifestação da resistência foi o movimento "ludita". Inspirados em Ned Ludd, os operários ingleses deram início à destruição de máquinas, apontadas como as responsáveis pela sua situação de miséria. A reação das autoridades inglesas foi violenta. Perseguições e enforcamentos.

A partir de 1830, observa-se um segundo momento na luta operária: o movimento Cartista. Os operários ingleses criaram a "Associação dos Operários", considerada ilegal pelas autoridades. Esta publicou, em 1837, a "Carta do Povo", onde se propugnava o sufrágio universal masculino, o voto secreto, a remuneração dos parlamentares, representação igualitária nas eleições, entre outros. O que se pretendia, em última análise, era permitir uma representação política do proletariado. Greves, passeatas, comícios, foram organizados para pressionar o Parlamento inglês. Sem sucesso. O movimento gradualmente perdeu força e, por volta de 1848, acabou devido à repressão ferrenha das autoridades.

A partir daí, o interesse operário se dirigiu para a formação das "Trade Unions" (Associação de Trabalhadores) com objetivos inicialmente assistenciais. É o embrião dos sindicatos modernos. No final do século XIX, pode-se vislumbrar a aproximação do movimento operário ao movimento socialista.

## **O SOCIALISMO**

O socialismo, entendido como uma contestação ao individualismo liberal, corporifica-se como uma resposta aos problemas sociais criado pela industrialização a às crises que começavam a acontecer dentro do sistema capitalista.

Os primeiros socialistas foram, posteriormente, denominados de utópicos. Sob este rótulo encontram-se diversas teorias formuladas principalmente na França e na Inglaterra. Acredita-se que o conceito de Socialismo deve conter os seguintes elementos: a superação dos meios de produção enquanto propriedade privada; a superação do regime de produção de mercadorias e enfraquecimento do dinheiro; a abolição da troca (e da propriedade privada), do consumo de mercadorias, pelo menos dentro da comuna; o controle dos produtos sobre o produto do seu trabalho e sobre suas relações de trabalho, as quais incluem, entre outras coisas, o poder imediato de ter acesso sobre os meios de produção e o consumo de mercadorias; o poder do indivíduo sobre si mesmo, seu relacionamento mútuo, o que, entre outras coisas, exclui como não necessário um aparato repressivo à sociedade.

Em 1848, a publicação do Manifesto Comunista, elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels, abriu um novo caminho no pensamento socialista, o chamado socialismo científico.

As bases do pensamento marxista encontraram-se fundamentalmente em três correntes: a dialética hegeliana, a economia política inglesa e o socialismo.

Hegel, no entanto, era um filósofo idealista e, por consequência, Marx irá "virar pelo avesso" a sua teoria, ao afirmar que não eram as idéias que criavam a realidade, e sim as circunstâncias materiais. Em outros termos, Marx afirmou o materialismo como base dialética.

A partir do conceito de materialismo dialético, Marx e Engels criaram uma nova teoria da História: o materialismo histórico. Para eles, a História se desenvolve, dialeticamente, a partir das relações de produção existentes em cada momento. As relações de produção seriam a infra-estrutura sobre a qual se sustenta a super-estrutura política, jurídica e ideológica.

A grande crítica que Marx e Engels fazem ao capitalismo diz respeito ao caráter exploratório deste sobre os proletários. Para Marx, em 4 ou 5 horas de trabalho, os operários produziam todas as mercadorias necessárias para compor o salário. Trabalhavam, pois, 9 ou 10 horas mais sem nada receber. Todo o fruto do trabalho executado nestas "horas adicionais" era apropriado pelo burguês. Marx chama isso de "mais-valia", o que, na avaliação do pensador, demonstra sem tintas a exploração que os operários sofrem pelos patrões.

O socialismo, no século XIX, como conceito emergente, não se limita à teoria. São promovidos diversos congressos, especialmente aqueles conhecidos como "Internacionais". A I Internacional reuniu-se de 1864 a 1876. Em 1872 os foram expulsos e o Conselho foi transferido para Nova Iorque, onde se decidiu fechamento, em 1876.

Cabe aqui um esclarecimento. O anarquismo normalmente é compreendido de forma errônea. Generalizou-se entre as pessoas a idéia de que significa bagunça, vandalismo e outras coisas semelhantes. Mas não representa o conceito e muito me-

nos com o movimento. A palavra anarquismo é de origem grega e significa (**an = negação e arquia = governo**).

Com o vácuo criado, em 1875, na Alemanha, ocorre um fato importante. Seguidores de Marx, como Bebel e Karl Liebknecht, no Congresso de Gotha, dão origem à Social-Democracia, negando determinados pontos básicos do pensamento de Marx e dele recebendo duras críticas. A Internacional volta a se reunir somente em 1891 em uma segunda edição da “Internacional”.

## **A FRANÇA E O ESPIRITISMO**

A Primeira Revolução Industrial e a Revolução Francesa acontecem quase que simultaneamente. Com a ascensão da burguesia industrial verifica-se o interesse dessa classe em participar do processo decisório. A França pós-revolução apresenta-se fragmentada e o caos político, social e econômico preocupam.

Um golpe militar do general Napoleão Bonaparte recompõe a estabilidade política em 1799. Bonaparte se faz coroar imperador da França em 1804, sob o título de Napoleão I. Nesse ano nasce, em Leão, Léon Hippolyte Denisard Rivail, em meio à instabilidade e a incerteza de uma nova época.

O governo de Napoleão é autoritário e expansionista. As guerras promovidas pelo “imperador” assustam a aristocracia européia, até a derrota, em 1815, por tropas inglesas e austríacas na Batalha de Waterloo. A dinastia dos Bourbon é restaurada no mesmo ano. Em 1830, uma revolução popular derruba o último Bourbon, Carlos X, e leva ao trono um Orleans, Luís Felipe I. Em 1848, uma nova revolução, que marca o advento do movimento operário na história européia, instaura a II República. Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão, é eleito presidente.

Em 1851, ele dá um golpe de Estado e, no ano seguinte, torna-se imperador com o título de Napoleão III. Em 1852, Hippolyte é atraído por fenômenos espirituais ocorridos nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha à espera de interpretação e inicia estudos sobre os fenômenos. As mesas girantes são coqueluche entre a emergente burguesia francesa que vive um momento de incerteza e insegurança. Muitos recorrem ao “fenômeno” à procura de respostas sobre a vida profissional, financeira, amorosa e familiar...

Enquanto isso, o regime imperial liberaliza-se lentamente e acelera ainda mais a Revolução Industrial na França. Provocado por Bismarck, chanceler da Prússia, Napoleão III conduz o país à Guerra Franco-Prussiana (1870), da qual sai derrotado. Como resultado, a França perde a Alsácia e a Lorena para os prussianos, o que leva à derubada do império e à instituição da III República. Os termos da paz propostos pela Prússia provocam uma insurreição popular, a Comuna de Paris. É estabelecido um governo proletário em Paris, reprimido por tropas conservadoras francesas e estrangeiras em 1871, quando mais de 20 mil operários são executados. No final do século

XIX, a França, assim como as demais potências industrializadas, busca novos mercados e lança-se à partilha da África.

Hyppolyte nesse período, testemunha uma escrita mediúnica e conclui que ela reflete a manifestação de espíritos sem a interferência humana (1854). Consegue contactar alguns espíritos logo depois e vem a saber, por meio deles, que se havia chamado Allan Kardec em outra vida. Usa esse nome para publicar *O Livro dos Espíritos*, em 1857, obra fundamental da filosofia espírita, que aborda entre outras questões a guerra, vida em sociedade, o caminho do progresso, e a não igualdade das riquezas.... Cria, em 1858, a *Revista Espírita* e a *Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritas*. Em 1861, é a vez do *Livro dos Médiuns*; em 1864, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*. No ano seguinte, publica o *Céu e Inferno*. Por último, em 1868, *A Gênese*. Kardec morre um ano antes da desastrosa Guerra Franco-Prussiana.

### **DOCTRINA URBANA**

Não é exagero destacar que o Espiritismo é uma doutrina urbana que só conseguiu guarida em função do interesse da emergente burguesia francesa, ávida por “novidades”. O êxodo dos camponeses e a chegada às cidades, o contato com as facilidades da época e melhores condições de ensino e remuneração, mesmo que com jornadas de trabalho inumanas, faz do Espiritismo uma doutrina interessante, afinal, como no Socialismo recém-nascido, prega a igualdade, não a estatal, mas aquela baseada num conceito novo até então: a caridade. Qual o cidadão francês, premido pela crise econômica e a instabilidade política e econômica não se sentiria inclinado a tomar contato com a nova doutrina?

E os trabalhadores se organizam. Em 1864, na França, os sindicatos conquistam o direito ao funcionamento. O mesmo acontece em 1866 nos Estados Unidos e em 1869, na Alemanha.

Além da Inglaterra, na França, na Alemanha e nos Estados Unidos nascem as primeiras grandes companhias industriais. E com elas, a discussão sobre as melhores condições de trabalho e a não-exploração dos trabalhadores. Também debatiam sobre como uma empresa deveria fabricar seus produtos e quais as vantagens que a população teria em sua utilização. Ainda hoje, a discussão é apaixonante.

Do outro lado do Oceano, a Guerra de Secessão dos EUA (1860-64) teve um forte impacto nas relações humanas e entre as estruturas empresariais agrárias e urbanas, pois o Norte, industrializado, necessitava de trabalhadores assalariados e o Sul, agrícola, tinha mão de obra formada basicamente por trabalhadores escravos. Nessa região, por óbvias razões, não existia o debate sobre o papel econômico e social das fazendas – leia-se, empresas rurais –, à vida das pessoas.

Enquanto isso, no Norte, já existia o debate sobre o papel social que a estrada de ferro e as indústrias poderiam desempenhar. Notou-se que os habitantes destes esta-

dos estavam mais expostos à educação e ao conhecimento. Podemos afirmar que foram as empresas que contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico dessa região, mesmo que neste início poucos promovessem a valorização profissional dos trabalhadores.

## **SÉCULO XX**

O Século XX começa agitado. As nações européias se espalham pela África e exportam o “european way of life” para todo o Mundo. As relações entre trabalhadores e capitalistas não perde em agitação. Não há semana, na Inglaterra, nos EUA e na França que a polícia vá à rua para mitigar as manifestações por melhores salários e condições de trabalho.

Em 1908, na Inglaterra, é fundado o *Institute of Directors*, que reúne os gestores das empresas mas não promove avanços significativos. Basicamente, os participantes ordenam os princípios que devem orientar os gestores das empresas e as relações conflitantes existentes.

Na Alemanha arrasada do pós-guerra (1914-1918), já na década de 1920, tem início um movimento em que a força de trabalho operário organizada passou a exercer pressão sobre o poder político ao exigir a ampliação da responsabilidade social do Estado. Este, por consequência, aumentou os controles sobre as empresas. A partir daí, a sociedade pôde observar o que a empresa retirava do ambiente onde estava e o que agregava ou acrescentava a este.

As empresas alemãs passaram a ter a necessidade de demonstrar seu papel na sociedade, pois poderiam utilizar as informações para, estrategicamente, analisar suas *performances*, seja com os trabalhadores, seja com o Meio Ambiente. É interessante destacar que esta exigência, na Alemanha, não nasceu com a visão global da sociedade e, muito menos, dos consumidores; e sim da visão dos operários que pressionaram o poder público - e não as empresas. Com a economia arrasada e o Estado falido, não houve outro caminho senão recorrer à livre iniciativa para evitar qualquer possibilidade de convulsão social. Mesmo assim, tal manobra não foi suficiente para evitar a ascensão de Adolf Hitler ao poder. O final desta história, todos sabem...

Na década de 1960, nos EUA, apresenta-se um forte descontentamento de uma grande parcela da população norte-americana com a participação do país na Guerra do Vietnã, onde o aparato bélico sofisticado utilizado no conflito como armas de fragmentação, gases paralisantes, Napalm etc..., prejudicavam os sobreviventes (em alguns casos, até descendentes) e o Meio Ambiente. Este armamento era, em maioria, produzido por empresas americanas que lucraram de maneira astronômica com o conflito.

Não por muito tempo. Várias Organizações da sociedade civil americana começaram a defender e praticar o boicote às empresas que direta ou indiretamente se bene-

ficiavam com a ação militar; ora não comprando seus produtos ou serviços ou não adquirindo suas ações em Bolsa. A consequência foi à diminuição das vendas, dos lucros e dos resultados para os acionistas. As empresas começaram a publicar relatórios de suas ações sociais, principalmente as interações com a sociedade americana, primordialmente, para não serem prejudicadas.

As empresas nos EUA depuraram e visualizaram o benefício da divulgação das informações de cunho social e começaram, na década de 80, a publicar informações sócio-econômicas em relação ao:

- Comportamento perante a poluição do meio-ambiente;
- Participação em atividades culturais;
- Facilitação dos meios de transporte coletivo; e
- Benefícios gerais à comunidade.

Na Europa na mesma época da Guerra do Vietnã, tivemos pressão da sociedade, principalmente francesa e alemã (agora a pressão não vinha apenas dos trabalhadores, mas de toda uma grande parcela da sociedade), questionando práticas das empresas com os seus funcionários. Daí, em 12 de julho de 1977, na França, foi promulgada a primeira lei sobre Balanço Social no mundo. Esta obrigava todas as empresas com mais de 750 funcionários a publicarem o Balanço Social. Posteriormente este número foi reduzido para 300.

Este Balanço Social é estritamente focado na Gestão de Pessoas, onde o grande mérito está no reconhecimento dos empregados como integrantes e usuários da informação contábil, facilitando o acesso das informações a toda sociedade francesa. Portugal, em 1983, promulgou uma lei onde o Balanço Social também é focado na linha de atuação de responsabilidade social da empresa com o seu corpo funcional. Este dispositivo estipulou que as empresas com mais de 300 funcionários teriam que publicar o Balanço Social. A Bélgica foi o último país a regulamentar o Balanço Social, em 4 de junho de 1995 e, em 30 de agosto de 1996 foi publicado uma portaria sobre as instruções referentes à metodologia do Balanço Social, este também muito focado na atuação das empresas com seu público interno.

No Brasil o debate sobre as questões sociais das empresas se iniciou com a fundação em 1961, da ACDE (Associação Cristã de Dirigentes Empresariais) que, em 1965, aprovou a *Carta de Princípios do Dirigente Cristão de Empresa*. Em 1977, no 2º Encontro Nacional de Dirigentes Cristãos de Empresas, uma das questões debatidas foi o Balanço Social. Em 1986, a ACDE constituiu a FIDES (Fundação Instituto Desenvolvimento Empresarial e Social) com o objetivo de promover, divulgar e contribuir com empresas nas questões sociais, enquanto a ADCE era uma entidade com cunhos teológicos, a Fides não tinha esses pressupostos, tanto que empresários, judeus, hindus, mulçumanos, fizeram parte de sua constituição.

Em 1984, tivemos a 1ª publicação de um Balanço Social no País, o da Nitrofertil, onde a empresa apresentava, sua contribuição na questão social para com o público interno, inclusive com metas sociais intenas estabelecidas pelos próprios profissionais. Em 1986 o CODIMEC (Comitê de Divulgação do Mercado de Capitais) elaborou um estudo onde abordou o *Balanço Social do Mercado de Capitais*. Este teve por objetivo estruturar o Balanço Social do setor do Sistema Financeiro Nacional, vinculado ao CODIMEC, para demonstrar todo o acervo integrado de informações, estimativas, análises e avaliações que permitam o dimensionamento abrangente do papel macroeconômico-social, do setor de mercado de capitais, dentro do processo de desenvolvimento integrado do País. Já em 1986 vislumbrou-se um caminho que a cada dia torna-se imprescindível para o mercado de capitais trilhar.

Em 1992, acontece a publicação do 1º Balanço Social do Banespa, que podemos considerar um marco na comunicação das informações de natureza social, pois foi o primeiro documento a publicar um relatório completo conjunto com as Demonstrações Contábeis/Financeiras do Banco, onde contemplava toda a atuação na sociedade, além das demonstrações laborais e também a publicação do DVA (Demonstração do Valor Adicionado) (Anexo I), que apresentada toda a geração de riqueza e a sua conseqüente distribuição.

E o Espiritismo, onde entra nessa história? A Doutrina Kardecista é vanguardista na questão do Meio Ambiente, transita no conceito da sustentabilidade de maneira clara nas questões relativas à Lei de Conservação, no Livro dos Espíritos. Quando trata do desenvolvimento humano e da sociedade incluímos a facilidade do acesso às informações culturais e de logística para a locomoção da população. As empresas realizarem benefícios gerais à comunidade, é a busca do equilíbrio entre os agentes da sociedade, o que é abordado em várias obras além da própria obra de Kardec.

## **NOVOS CONCEITOS NA GESTÃO EMPRESARIAL**

As empresas em sua maioria até o início da década de 1990, eram focadas exclusivamente para atingir os anseios dos acionistas, isto começou a mudar e as empresas começam a perceber que para atender bem aos seus acionistas, tem que atender bem também os profissionais e seus familiares, as organizações do Terceiro Setor, a comunidade em volta da empresa, a comunidade próxima onde existem seus produtos ou serviços, os agentes governamentais, entre outros.

Segundo pesquisas do Instituto Indicator, 22% dos consumidores efetivamente prestigiaram e/ou puniram uma empresa com base em sua conduta social. 60% dos consumidores brasileiros já debateram com amigos e parentes o comportamento ético das empresas; 62% dos jovens brasileiros (18 a 25 anos) afirmaram que consumir de forma consciente faz parte de seus valores; 46% dos consumidores sentem-se estimulados a comprar mais produtos e recomendam aos amigos as empresas que con-

tratam deficientes físicos. Pesquisas feitas em outros países atestam a mesma linha de raciocínio: a responsabilidade social empresarial veio para ficar presente no dia-a-dia das pessoas. E para isso é os públicos estratégicos tem que ter acesso às informações da responsabilidade social empresarial. Uma informação interessante no quesito consumidor é a pesquisa realizada pela FAAP em 2002, com uma empresa de Telecomunicações no ano de 2002, 79% dos consumidores desta empresa afirmaram que RSE é fator de decisão e 75% acreditam que a RSE tem que estar na estratégia empresarial pois é questão de sobrevivência. O que chama a atenção é que 89% desconheciam o projeto social da empresa e os 11% que o conheciam consideraram um “bom projeto social”. A Empresa deve ter sua gestão voltada para ser SOCIALMENTE RESPONSÁVEL e uma estratégia de comunicação para informar esta forma de agir para os públicos estratégicos.

Os profissionais preferem trabalhar para empresas socialmente responsáveis, esta é uma constatação de várias pesquisas realizadas por publicações como VOCÊ S/A, Vencer, Melhor – Vida e trabalho, América Econômica. O que retrata uma questão lógica, se as empresas são socialmente responsáveis, então ela será socialmente responsável com eles. Com isso a empresa deverá captar os talentos do mercado, é isto é uma vantagem competitiva, pois ela terá em sua equipe os melhores profissionais, mas para isto os profissionais terão que ter acesso as informações de natureza social, A empresa que tem nos seus quadros profissionais socialmente responsáveis estará facilitando o caminho para ela ser Socialmente Responsável, pois uma empresa é constituída por pessoas e pessoas socialmente responsáveis vão construir uma empresa socialmente responsável. Profissionais que tenham o conhecimento da Doutrina Kardecista e a pratiquem, estarão contribuindo para a evolução das empresas socialmente responsáveis.

### **SIMILARIDADES ENTRE A NOVA GESTÃO EMPRESARIAL E A DOCTRINA ESPIRITA**

A forma como a Doutrina foi concebida já é uma contribuição para a gestão da empresas que é a pesquisa continua. A empresa deve sempre estar pesquisando e ouvindo a todos os seus públicos estratégicos, para desenvolver uma estratégia que faça com que ela alcance o seu sucesso empresarial e traga desenvolvimento para os seres humanos assim ela estará traçando uma linha perene de sobrevivência no mercado. Podemos perguntar onde deveriam estar os exemplos; com certeza a resposta será... na gestão das Sociedades Kardecistas. Mas estas podem ser chamadas de organizações com gestão socialmente responsável?

Varias práticas empresariais para o caminho da responsabilidade social, o conhecimento e a prática da Doutrina Kardecista podem contribuir. Deixamos claro que é uma contribuição, afinal, o objetivo deste trabalho não é mostrar que para as empresas serem socialmente responsáveis devam ser Kardecistas. Defendemos que qualquer estrutura empresarial deve ter o grupo mais diverso possível. Assim, em uma

empresa constituída exclusivamente de pessoas com conhecimento da Doutrina não haverá contribuição para o bom desenvolvimento da empresa. A troca de conhecimentos é um grande impulsionador da atividade econômica.

A prática da diversidade dentro da empresa, é hoje uma busca constante não por obrigação legal mas por que um grupo diverso, é um grupo de amplia seus conhecimentos, se relaciona melhor com outros públicos e é mais produtivo. Ora, o principal problema enfrentado pelas empresas é o preconceito e então, aqui, a Doutrina pode contribuir, pois o seu conhecimento permite ações desprovidas deste comportamento.

Passa a haver a consciência, pelo menos em parte, de que tudo aquilo que se faz no momento imediato ou futuro poderá ter conseqüências. A aplicação dos conceitos Espíritas no dia a dia empresarial pode transformar as organizações em ambientes mais humanos, menos exatos e mais diversos. Os processos de seleção poderão passar a ser baseados na eficiência e no talento do profissional, sem a preocupação com a raça, credo, gênero, opção sexual etc. Um recrutador com conhecimentos sobre a existência da reencarnação e as possibilidades de várias experiências que um espírito possa ter tido contribuirá para que não exista preconceito.

As empresas contribuem para o progresso da humanidade e os homens que nelas trabalham são os agentes que a desenvolvem. Assim, diz a questão 779 do *Livro dos Espíritos*. “O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progredem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os mais adiantados ajudam os outros a progredir, pelo contato social”. Podemos então dizer que os espíritos mais adiantados, contribuem para o progresso sustentável das empresas, tanto encarnados quanto desencarnados.

## **PROGRESSO**

O Espírito Humano, nos dois últimos séculos, evoluiu muito no intelecto. Talvez tenha chegado o momento do avanço moral pleno e o conceito da responsabilidade social empresarial vem para contribuir para isto. No mesmo *Livro dos Espíritos*, Kardec, na questão 780, indaga: “O progresso moral segue sempre o progresso intelectual? É a sua conseqüência, mas não o segue sempre imediatamente” a questão continua “Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral? Dando a compreensão do bem e do mal, pois então o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelos seus atos”. Outra questão que aborda o assunto é a 365 “Por que os homens mais inteligentes, que revelam um Espírito superior neles encarnados, são as vezes profundamente viciosos? É que o Espírito encarnado não é bastante puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos ainda piores. O espírito progride numa marcha ascendente insensível, mas o progresso não se realiza simultaneamente em todos os sentidos; num período ele pode avançar em ciência, num outro em moralidade”.

A questão 783 do LE aborda sobre a força do progresso, “Sendo o progresso uma condição da natureza humana ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não asfixiar. Quando essas leis se tornam de modo incompatíveis com o progresso, ele as derruba...” é interessante que as estruturas empresariais contribuíram para esta evolução, pois a legislação que tratava da escravidão foi revogada principalmente pelo aparecimento do sistema capitalista, em que habilidades diferentes formam riquezas diferentes. Isto é possível detectar na questão 804, que trata sobre o porquê das aptidões diferentes dos espíritos: “Deus criou todos os espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos tempo, e por conseguinte, realizou mais ou menos aquisições; a diferença está no grau de experiência e na vontade, que é o livre-arbítrio: daí decorre que uns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes dá aptidões diversas. A mistura de aptidões é necessária a fim de que cada um possa contribuir para os desígnios da Providência, nos limites do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais; o que um não faz, o outro faz, e é assim que cada um tem a sua função útil. ...”

A Na questão 811, Kardec pergunta: “A igualdade absoluta das riquezas é possível e existiu alguma vez? Não, não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso”. E complementa: “Há homens, entretanto que crêem estar nisso o remédio para os males sociais; que pensais a respeito? São sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade seria logo rompida pela própria força das coisas. Combatei o egoísmo, pois essa é a vossa chaga social, e não correi atrás de quimeras”.

Bem, se é necessário atingir o bem comum a todos os povos do Mundo, então como solucionar isto no mundo capitalista? Primeiramente é necessário garantir o necessário ao bem-estar para as pessoas então chegamos ao momento atual na vida das empresas: Como ela obtém o lucro, como o distribui e se relaciona com as pessoas, sejam acionistas, profissionais, militantes de organizações do terceiro setor, agentes governamentais, membros da comunidade etc. A questão 635 trata disso: “As diferentes condições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. A lei natural pareceria, assim, não ser uma regra uniforme? Essas diferentes condições existem na natureza e estão de acordo com a lei do progresso...” A 812, diz “Se a igualdade das riquezas não é possível, acontece o mesmo como bem-estar? Não; mas o bem-estar é relativo e cada um poderia gozá-lo, se todos se entendessem bem... Por que o verdadeiro bem-estar consiste no emprego do tempo de acordo com a vontade, e não em trabalhos pelos quais não se tem nenhum gosto. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. O equilíbrio existe em tudo e é o homem quem o perturba” a questão continua “É possível que todos se entendam? Os homens se entenderão quando praticarem a lei da justiça”.

A existência de empresas que buscam agir com ética ao desenvolver o bem-estar de seus profissionais, interlocutores (consumidores) e comunidade ao redor é um grande passo para atingir a satisfação dos povos.

O enriquecimento é lícito quando conseguido a partir da maximização e do respeito às habilidades. Uma empresa que tenha colaboradores felizes, habilidosos, valorizados, inteligentes e com o foco na prática do bem, será uma empresa que enriquecerá. A comunicação correta desta postura contribuirá para a disseminação do conceito da prática sustentável, lembrando que esta não deverá ser realizada para obter ostentação, uma postura não responsável, não cidadã, e por que não, não Kardecista!

## **EGOÍSMO**

A grande questão sempre é e será a destruição do egoísmo. Quando o ser humano deixar de ser egoísta então ele começará a se preocupar com o seu bem-estar e não no acúmulo de riquezas, chegando num momento em que ele nem sabe o que fazer com esta riqueza. Hoje até as pessoas que acumularam riquezas demasiadamente nesta encarnação começam a mudar sua postura procurando utilizar esta riqueza para desenvolver o bem-estar de outras pessoas. As pessoas que forem trabalhar em empresas socialmente responsáveis mesmo que tenham o pensamento de acumular riqueza a toda prova, terá a sua cultura modificada pela postura empresarial existente no ambiente corporativo que ele vivera por pelo menos 1/3 do dia-a-dia. Por isso que as empresas socialmente responsáveis contratam também talentos que não tem a percepção social do bem estar pois aí esta uma outra atitude responsável: transformar este talento profissional em um talento social. A primeira etapa é alterar a cultura da atual equipe, implementar o posicionamento socialmente responsável posteriormente é contribuir para esta cultura se disseminar em todos os relacionamentos que a empresa possui. A questão 643 deixa clara a questão do egoísmo como prejudicial à prática do bem: “Há pessoas que, por sua posição não tenham possibilidades de fazer o bem? Não há ninguém que não possa fazer o bem; somente o egoísta não encontra jamais ocasião de praticá-lo ...”

Para as empresas serem socialmente responsáveis é imprescindível respeitar as culturas, as etnias etc. de cada povo, como aborda a questão 52 do LE “De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra? Do clima, da vida e dos hábitos. Dá-se o mesmo que se daria com duas crianças da mesma mãe, que educadas uma longe da outra e de maneira diferente, não se assemelhassem em nada quanto à moral”.

Vários líderes empresariais atestam que devido a pressentimentos, alteraram ou deixaram de tomar decisões que no futuro se mostraram sábias para o desenvolvimento do bem comum das populações relacionadas com a empresa. Acompanhemos

a questão 522: “O pressentimento é sempre uma advertência do Espírito protetor? O pressentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos deseja o bem....”

Geralmente, os grandes líderes empresariais chegam num ponto de vida que possuem bens suficientes para a subsistência, mas têm obrigações para com o trabalho, como atesta a questão 679, que diz: “O homem que possui bens suficientes para assegurar sua subsistência está liberto da lei do trabalho? Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil na proporção de seus meios, de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho. Se o homem a quem Deus concedeu bens suficientes para assegurar sua subsistência, não está obrigado a comer o pão com o suor da fronte, a obrigação de ser útil a seus semelhantes é tanto maior para ele, quanto a parte que lhe coube por adiantamento lhe der maior lazer para fazer o bem.” Com o advento das empresas socialmente responsáveis, é de se supor que os líderes dessas empresas tenham no âmago o conceito da responsabilidade social, então continuarão a contribuir para o desenvolvimento sustentável da Humanidade.

Os conceitos das leis morais têm uma grande contribuição para as empresas que caminham no conceito da responsabilidade social, como já abordamos nesta exposição. A questão 617, destaca que “Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem as da alma, e as segue” As empresas socialmente responsáveis devem ser compostas de sábios e homens de bem. A questão continua: “É dado ao homem aprofundar umas e outras? Sim, mas uma só existência não é suficiente para isso.” Quantas pessoas não passaram por uma empresa que têm mais de 100 anos de existência? Quantos espíritos não podem ter trabalhado mais de uma encarnação em uma mesma empresa?

Nos dias de hoje é comum os líderes (desde a primeira liderança como uma coordenação de equipe, supervisão etc) terem toda uma preocupação com a qualidade de vida de seus subordinados, fazendo com que exista uma evolução, a questão 684 foi elaborada na metade do século XIX, e diz “Que pensar dos que abusam da autoridade para impor aos seus inferiores um excesso de trabalho? É uma das piores ações. Todo homem que tem poder de dirigir é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus inferiores, porque transgride a lei de Deus” Quando da existência na totalidade de empresas socialmente responsáveis, isto é o segundo setor sendo socialmente responsável, o Primeiro e o Terceiro Setores também sendo em sua gestão socialmente responsável esta questão soará estranha aos ouvidos do leitor de *O Livro dos Espíritos*.

## **BENS MATERIAIS**

A questão dos bens materiais que é utilizado no enriquecimento dos homens, sejam eles de bem ou não, também é abordado no *Livro dos Espíritos* na questão 712: “Com que fim Deus fez atrativos os gozos dos bens materiais? Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão ...”

Geralmente os seres humanos adquirem propriedades e a empresa, que é composta por seres humanos, também. Mas, como fazê-la de modo socialmente responsável? A questão 884 trata da questão “Qual é o caráter da propriedade legítima? Só há uma propriedade legítima, a que foi adquirida sem prejuízo para os outros”. A complementação acontece na questão 885: “O direito de propriedade é sem limites? Sem dúvidas, tudo o que é legitimamente adquirido é uma propriedade, mas, como já dissemos, a legislação humana é imperfeita e consagra freqüentemente direitos, convencionais que a justiça natural reprov...”

Mas como já vimos a evolução da pratica socialmente responsável contribuirá para alterar as leis humanas, fazendo com que se torne uma lei natural, a ponto de talvez não ser mais necessário estar escrita, pois estará na consciência de todos os seres humanos.

O desenvolvimento de bens e serviços supérfluos contribuiu para o progresso da humanidade. Na idade da pedra um cabeleireiro seria considerado um supérfluo absoluto, mas hoje é importante pois contribui para a higiene pessoal. Como a própria questão 717 aborda, o mundo se desenvolve e cria outras necessidades para seus habitantes.

A própria existência da empresa é uma questão social e de sociedade pois ela tem o social delineado em sua vida senão vejamos: O nome oficial da empresa é Razão SOCIAL, o regulamento que estabelece as regras da empresa é o Estatuto SOCIAL ou Contrato SOCIAL, neste regulamento encontra-se o objetivo da empresa que é o Objeto SOCIAL, a localização da empresa e a sede SOCIAL. Se formos ver no dicionário o significado da palavra social, veremos que é tudo que se relaciona com sociedade, e as empresas que é formada por pessoas se relaciona com a sociedade, então seus profissionais não podem buscar o isolamento, como constatado na questão 767, que afirma “... todos devem concorrer para o progresso, ajudando-os mutuamente”. A 768 deixa claro que o homem só pode progredir a partir do contato com outros homens, pois nenhum ser humano possui todas as faculdades e aptidões. O homem no isolamento só embrutece e se estiola. Fazendo uma analogia com as empresas podemos dizer que uma empresa que se isola também deverá se embrutecer e com certeza perderá mercado no mundo atual, onde o inter-relacionamento é cada vez mais valorizado.

Da mesma forma que existe o livre-arbítrio para os seres humanos estes, dentro de uma estrutura empresarial, todos os dias tomam decisões e a conjugação destas

faz com que a empresa tenha o seu próprio. Isto é, sempre a empresa tem uma escolha a fazer e pode fazer opções baseadas na lógica do desenvolvimento sustentável... ou não.

Com o conceito da responsabilidade social a empresa estará buscando desenvolver o progresso sustentável respeitando sempre o Meio Ambiente e com isso contribuindo para a conservação ambiental e os recursos naturais.

## **O FUTURO**

Os espíritos já influenciam o dia-a-dia das empresas, ou até mesmo as decisões mais estratégicas do Conselho de Administração, pois como afirma a questão 459 “Os espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes ...”; ou também na questão 525: “Os espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida? Seguramente pois que te aconselham” . No futuro talvez seja comum existir a realização de reuniões do Conselho de Administração das empresas com a presença de espíritos que podem ter aptidões de relações sociais, empresariais, ambientais etc. Com certeza isto enriquecerá o desenvolvimento sustentado da empresa e a sua longevidade.

Podemos concluir que homens felizes, fazem uma empresa feliz, homens inteligentes fazem uma empresa inteligente. Uma empresa composta de homens de bem só pode fazer o bem.

Os kardecistas com certeza podem contribuir para a implantação destes conceitos mas lembrando novamente que não desejamos a formação de uma empresa socialmente responsável kardecista, o objetivo foi apenas demonstrar que os conceitos da Doutrina Kardecista podem contribuir para o desenvolvimento do conceito da responsabilidade social empresarial.